

What We Can('t) Hold

When everything we hold firm seems to be collapsing under the weight of uncertainty and rapid transformation, *What We Can('t) Hold* considers fragility not as something that breaks but as a force that shapes how we live, remember, and relate to one another. Bringing together nine artists and a selection of works from the CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian's Collection, this exhibition offers a reflection on multiple dimensions of fragility.

The works displayed are situated along a spectrum of intertwined notions of fragility: the personal, the structural and the frictional. Each dimension offers a different way of understanding how vulnerability cracks, bends and sometimes falls apart as soon as we touch it.

The structural dimension looks outward at the vast web that seems to hold our society together. It questions what happens when the systems we depend on begin to fracture, and injustices resurface as history repeats itself. Manuel Botelho (1950, Lisbon), through his *101.rç-cmb* (from the series *Confidential / Declassified: combat food*) (2007-2008), collects artefacts of moments that he didn't witness and puts them on full display, while Miguel Palma (1964, Lisbon), in *Upa! Union of the People of Angola* (2006), seems to lock them away in plain sight. Here, fragility emerges not as a weakness, but as a signal that transformation is both unavoidable and necessary.

We are fragile, yet the cracks reveal what must change.

The personal dimension directs us inward into the delicate architecture of ourselves. It reflects identities that are always shifting, the collections of memories we archive within ourselves, and the persistent urge to hold on to what is fleeting. Yonamine (1975, Luanda), with *Eu não sou eu* (2004), and Maria Altina Martins (1953, Luanda) with *Time - Childhood, Adolescence, Maturity* (1997/2000), arrange fragments, textures of daily life, discarded materials, and scraps of memory to evoke this unstable construction, while Maria Antónia Siza (1940, Oporto – 1973, Oporto), in her series *Untitled* (60s) construct potential images leaving gaps to be filled in by the gaze of others. *In Falling On Stage* (2021), Fernão Cruz's (1995, Lisbon) protagonist is in free fall, rendered vulnerable before the gaze of an audience.

Every memory we hold is a thread in our personal tapestry.

The frictional dimension exists in a liminal space where the forces of the past and future, destruction and renewal, and the personal and collective converge. Margaret Benyon (1940, Birmingham – 2016, London) gives these dimensions holographic images that resist being grasped in her *Conjugal Series: Hands and Rice and Binding 2* (1983). In her *No trace of accelerator* (2017), Emily Wardill (1977, Rugby) transforms us into spectators of the qualities that never sit still. Finally, Gabriela Albergaria's *To turn around 40* (2001) weaves elements of nature with artificiality.

Where worlds collide, new possibilities emerge.

Together, these perspectives invite us to reconsider fragility as a force of revelation of what we choose to preserve, allow us to die or rebuild. Ultimately, *What We Can('t) Hold* is an invitation to pause, to look closely and to hold things more lightly as we navigate continuous change.

How does fragility shape the world around us?

O que (não) nos escapa

Quando tudo aquilo que tomamos por garantido parece desmoronar-se sob o peso da incerteza e da rápida transformação, *O que (não) nos escapa* considera a fragilidade não como algo que se quebra, mas como uma força que molda a forma como vivemos, recordamos e nos relacionamos uns com os outros. Reunindo uma seleção de obras da Coleção do CAM de nove artistas, esta exposição propõe uma reflexão sobre as múltiplas dimensões da fragilidade.

Os trabalhos apresentados situam-se ao longo de um espectro de noções de fragilidade interligadas: a estrutural, a pessoal e a friccional. Cada dimensão oferece uma forma distinta de compreender como a vulnerabilidade se fissa, se dobra e, por vezes, se desfaz assim que lhe tocamos.

A dimensão estrutural olha para fora, para a vasta teia que parece sustentar a nossa sociedade; questiona o que acontece quando os sistemas de que dependemos começam a fraturar-se e as injustiças ressurgem à medida que a história se repete. Manuel Botelho (1950, Lisboa), através de *104.rç-cmb* (da série «*confidencial/desclassificado: ração de combate*») (2007–2008), recolhe artefactos de momentos que não presenciou e expõe-nos cruamente, enquanto Miguel Palma (1964, Lisboa), em *Upa! União dos Povos de Angola* (2006), parece aprisioná-los à vista de todos. Aqui, a fragilidade surge não como uma fraqueza, mas como um sinal de que a transformação é simultaneamente inevitável e necessária.

Somos frágeis, mas as fissuras revelam aquilo que tem de mudar.

A dimensão pessoal volta-se para o interior, para a delicada arquitetura do nosso ser; reflete identidades em constante transformação, conjuntos de memórias que arquivamos em nós mesmos e o impulso de fixar o que é efémero. Yonamine (1975, Luanda), com *Eu não sou eu* (2004), e Maria Altina Martins (1953, Luanda), com *Tempo – Infância, Adolescência, Maturidade* (1997/2000), organizam fragmentos, texturas do quotidiano, materiais descartados e restos de memória para evocar esta construção instável, enquanto Maria Antónia Siza (1940, Porto – 1973, Porto), na sua série *Sem Título* (década de 1960), desenha imagens em potencial, que deixam lacunas a serem preenchidas pelo olhar dos outros. *Em Cair em Palco* (2021), o protagonista de Fernão Cruz (1995, Lisboa) encontra-se em queda livre, tornando-se vulnerável perante o olhar de uma plateia.

Cada memória que guardamos é um fio na nossa tapeçaria pessoal.

A dimensão friccional existe num espaço liminar onde convergem as forças do passado e do futuro, da destruição e da renovação, do pessoal e do coletivo. Margaret Benyon (1940, Birmingham – 2016, Londres) traduz estas dimensões em imagens holográficas que resistem a ser apreendidas em *Conjugal Series: Hands and Rice e Binding 2* (1983). Em *No Trace of Accelerator* (2017), Emily Wardill (1977, Rugby) transforma-nos em espectadores de algo que nunca se fixa. Por fim, *To Turn Around 40* (2001), de Gabriela Albergaria, entrelaça elementos da natureza com a artificialidade.

Onde os mundos colidem, emergem novas possibilidades.

Em conjunto, estas perspetivas convidam-nos a reconsiderar a fragilidade como uma força de revelação daquilo que escolhemos preservar, deixar morrer ou reconstruir. Acima de tudo, *O que (não) nos escapa* é um convite à pausa, ao olhar atento e a compreender aquilo que nos rodeia com mais leveza enquanto navegamos a mudança contínua.

De que forma é que a fragilidade molda o mundo à nossa volta?

This exhibition is organised under the collaboration protocol between CAM - Centro de Arte Moderna Gulbenkian and the international academic program The Lisbon Consortium, of the Faculty of Human Sciences, Universidade Católica Portuguesa.

Organisation

Universidade Católica Portuguesa
Cultura @ Católica 2026

Artists Featured

Emily Wardill; Fernão Cruz; Gabriela Albergaria; Manuel Botelho; Margaret Benyon; Maria Altina Martins; Maria Antónia Siza; Miguel Palma; Yonamine
(All works: Collection CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian)

Curatorial and scientific coordination

Luísa Santos

Curated by

Editorial: Anika Borko; Sarah Zammit Munro; Melissa Liebertha; Direndra Selvanayagam; Sarah Tober; Anna-Sohpie Löhr

Communication: Justin Stewart Ross; Natalia del Río; Leonor Marques dos Santos Queiroz; Sílvia Lomdardini; Léanne Charron; Iana Kardanova

Installation design: Amal Abu Nafisah; Imani D. Cooper; Margarida Dias; Margarida da Fonseca; Giulia Benetti; Circé Poisson; Tatiana Fraise

Paralell programme: Lucille Gerebtzoff; Yoosun Choi; Hajer Khader; Vitor Fonseca; Margarida Martins Raimundo; Constança Mafra

(Students of the seminar in Curatorial Practices, The Lisbon Consortium - 2025/26)

Amélia de Mello Foundation Gallery

Universidade Católica Portuguesa

Director: Paulo Campos Pinto

Assistant: Benjamim Lucas Pires

Production: Creative Industries Programmes by SC – Sara Cavaco

Graphic Design: Íris Sousa

Installation: Feirexpo

CAM - Centro de Arte Moderna Gulbenkian

Head of Exhibitions: Rita Albergaria

Museography: Laurindo Marta

Collection (registrar): Isabel Vicente

Collection (museography): Rui Nunes; Jennifer Coito

Esta exposição é realizada no âmbito do protocolo entre a o CAM - Centro de Arte Moderna Gulbenkian e o programa académico internacional The Lisbon Consortium, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa.

Organização

Universidade Católica Portuguesa
Cultura @ Católica 2026

Artistas Representados

Emily Wardill; Fernão Cruz; Gabriela Albergaria; Manuel Botelho; Margaret Benyon; Maria Altina Martins; Maria Antónia Siza; Miguel Palma; Yonamine
(Todos os trabalhos: coleção CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian)

Coordenação curatorial e científica

Luísa Santos

Curadoria

Editorial: Anika Borko; Sarah Zammit Munro; Melissa Liebertha; Direndra Selvanayagam; Sarah Tober; Anna-Sohpie Löhr

Comunicação: Justin Stewart Ross; Natalia del Río; Leonor Marques dos Santos Queiroz; Sílvia Lomdardini; Léanne Charron; Iana Kardanova

Layout expositivo: Amal Abu Nafisah; Imani D. Cooper; Margarida Dias; Margarida da Fonseca; Giulia Benetti; Circé Poisson; Tatiana Fraise

Programa paralelo: Lucille Gerebtzoff; Yoosun Choi; Hajer Khader; Vitor Fonseca; Margarida Martins Raimundo; Constança Mafra

(Alunos do seminário de Práticas Curatoriais do Lisbon Consortium - 2025/26)

Galeria Fundação Amélia de Mello

Universidade Católica Portuguesa

Director: Paulo Campos Pinto

Assistente: Benjamim Lucas Pires

Produção: Creative Industries Programmes by SC – Sara Cavaco

Design Gráfico: Íris Sousa

Montagem: Feirexpo

CAM - Centro de Arte Moderna Gulbenkian

Coordenação de Exposições: Rita Albergaria

Museografia: Laurindo Marta

Coleção (registrar): Isabel Vicente

Coleção (museografia): Rui Nunes; Jennifer Coito

